



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA E CONTABILIDADE**  
**DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO**  
**CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS**

**GABRIEL MACEDO RODRIGUES**

**UM ENSAIO SOBRE O ENTENDIMENTO**  
**DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA**

**FORTALEZA**

**2018**

GABRIEL MACEDO RODRIGUES

UM ENSAIO SOBRE O ENTENDIMENTO  
DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Monografia apresentada ao Curso Administração do Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Me. João da Cunha Silva.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

R613e Rodrigues, Gabriel Macedo.

O Entendimento de Educação Financeira / Gabriel Macedo Rodrigues. – 2019.  
40 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Administração, Fortaleza, 2019.  
Orientação: Prof. Me. João da Cunha Silva.

1. Educação Financeira. 2. Alfabetização Financeira. 3. Gerações. I. Título.

CDD 658

---

GABRIEL MACEDO RODRIGUES

O ENTENDIMENTO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Ensaio apresentado ao Curso Administração do Departamento de Administração da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Me. João da Cunha Silva (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Hugo Osvaldo Acosta Reinaldo  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Luiz Carlos Murakami  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus por mostrar que se pode perder tudo,  
mas haverá vida, enquanto houver força.

Ao meu filho e todas as dificuldades que me  
fizeram maior.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Professor Mestre João da Cunha Silva, pela excelente orientação, apoio e paciência.

A todos os professores de minha vida, que iluminaram o meu caminho.

À banca examinadora: os Professores Doutores Hugo Acosta e Luiz Carlos Murakami, pelo seu tempo, pelas valiosas colaborações, sugestões e pela honra de contribuir com a pesquisa.

Aos entrevistados, pelo tempo concedido nas entrevistas.

Aos colegas da turma, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas.

“A riqueza de uma nação se mede pela riqueza do povo e não pela riqueza dos príncipes”  
(ADAM SMITH).

## RESUMO

Taxas, juros, tarifas, SELIC, CDI... o mercado financeiro está repleto de siglas e nomes que são estranhos ao dia-a-dia de boa parte da população, mesmo estando na chamada 'Era da Informação', pouco se sabe sobre os produtos bancários e serviços financeiros que são criados e consumidos, ou se existe qualquer seleção ou teste que verifique o nível de conhecimento dos seus tomadores, para avaliar a capacidade de entendimento. Este trabalho foi elaborado para entender um pouco mais sobre “os fatores determinantes da Educação Financeira” e “como é vista a Educação Financeira”. Esta pesquisa desenrolou-se inicialmente com a construção do contexto e, conectando o questionário aplicado pelo autor à entrevista concedida por parte dos respondentes, permitiu-se a descoberta de alguns aspectos que motivam a prática da Educação Financeira.

**Palavras-chave:** Educação Financeira. Alfabetização Financeira.

## ABSTRACT

Fees, interest, tariffs, SELIC, CDI ... the financial market is replacing symbols and names that are foreign to the daily lives of a good part of the population, even forbidden in the so-called 'Information Age', little is known about banking products and financial services that are created and consumed, or there is any selection or test that checks the level of knowledge of its users to assess the ability to understand. This paper is designed to understand a little more about “the determinants of financial education” and “how financial education is viewed”. This research was designed starting with the construction of the context and, by connecting or questionnaire applied by the author of the interview granted by the respondents, it was possible to discover some aspects that motivate the practice of Financial Education.

**Keywords:** Financial Education. Financial Literacy.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Alfabetização financeira na Europa .....	21
Figura 2	Alfabetização financeira e a renda <i>per capita</i> .....	22
Figura 3	A variação da alfabetização financeira nas faixas etárias .....	23
Figura 4	O que é educação financeira para você? (todas as idades) .....	31
Figura 5	O que é educação financeira para você? (de 31 a 50 anos de idade) .....	32
Figura 6	Aprendi sobre o tema (todas as idades) .....	33
Figura 7	Classificação da importância de temas financeiros.....	33
Figura 8	Disciplinas voltadas para mercado financeiro.....	34
Figura 9	Meios citados para o aprendizado de finanças pessoais.....	35
Figura 10	Horas dedicadas ao estudo de finanças pessoais.....	35
Figura 11	Perfil de instrução financeira.....	36

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Trabalhos sobre educação financeira .....	1
o 1	.....	8
Quadro 2	Trabalhos sobre educação financeira e suas questões de pesquisa... ..	1
o 2	.....	9

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEFIN	Associação Brasileira de Educadores Financeiros
AEF – Brasil	Associação da Educação Financeira do Brasil
AMBIMA	Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais
B3	MB&F Bovespa e CETIP
BACEN	Banco Central do Brasil
BM&F	Bolsa de Mercadorias e Futuros
CETIP	Central de Custódia e Liquidação Financeira de Títulos Privados
CVM	Comissão de Valores Mobiliários
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
EF	Educação Financeira
ENEF	Estratégia Nacional de Educação Financeira
Fin Lit	<i>Financial Literacy – around the word</i>
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDEF	Índice de Educação Financeira da <i>Serasa Experian</i>
INFE	<i>International Network on Financial Education</i>
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PISA	<i>Programme for International Student Assessment</i>
S&P Rating	<i>Standard e Poor's Rating</i>
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio ao Micro e Pequeno Empreendedor
SERASA	<i>SerasaExperian</i>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>EDUCAÇÃO FINANCEIRA E TEMAS DE PESQUISA .....</b>	<b>16</b>
<b>2.1</b>	<b><i>Backgroud</i> sobre Educação Financeira .....</b>	<b>17</b>
<b>2.2</b>	<b>Pesquisas sobre Educação Financeira .....</b>	<b>18</b>
<b>2.3</b>	<b>Características da Educação Financeira em alguns países do mundo .....</b>	<b>19</b>
<b>2.4</b>	<b>Características da Educação Financeira no Brasil .....</b>	<b>23</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>28</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>30</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>35</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>
	<b>APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS .....</b>	<b>38</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Inicia-se este trabalho demonstrando a motivação para a escolha do tema *O Entendimento de Educação Financeira*, que desde o princípio apresentou alguma dificuldade no levantamento das informações. Portanto, optou-se pela aplicação de uma pesquisa, seguida de entrevista para verificar como é entendida a Educação Financeira.

Com a expansão do crédito, o poder de compra do brasileiro cresceu de forma a propiciar a tomada de decisões sem o devido planejamento financeiro. Os diferentes níveis de conhecimento em Educação Financeira fizeram com que os consumidores, ao administrarem suas finanças pessoais, comprometessem um percentual cada vez maior de juros dentro do seu orçamento, sejam embutidos em cartões de crédito, empréstimos pessoais ou parcelamentos.

Segundo relatório da Serasa Experian(2019), instituição que começou há 50 anos como serviço de assessoria financeira e hoje detém a maior base de dados da América Latina, o número de inadimplentes no Brasil chegou a 61 milhões, somando um montante de R\$ 269,1 bilhões em dívidas, uma média de quatro dívidas por CPF e um valor médio de R\$ 4.411,00 por pessoa. Desse total, a maioria, cerca de 29,6%, foi contraída junto aos setores bancários e cartão de crédito.

O controle financeiro e seu planejamento são de suma importância para qualquer indivíduo, justificando-se ainda mais se levar em consideração o cenário atual do país, entre crises políticas e reformas, trabalhista e previdenciária.

No cotidiano, as pessoas vivem trabalhando para o dinheiro e não têm a visão de que é este que deve ser trabalhado para elas – é onde entra o manuseio da Educação Financeira, objetivando o ensino de forma prática e compreensível da administração das finanças pessoais (PEREIRA, 2003).

No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no primeiro trimestre de 2017, o desemprego subiu para 13,7%, nada menos do que 14,2 milhões de desempregados, um recorde desde que a série começou a ser registrada, sendo a maior taxa de desocupação dos últimos 5 anos. Em um estudo publicado, notou-se o número de empregados do setor privado sem carteira assinada e os que trabalham por conta própria, somando cerca de 33,6 milhões de pessoas. A população ocupada no Brasil chega a 91,06 milhões de pessoas, o que significa que aproximadamente 37% destas estão no mercado informal (IBGE, 2017).

No cenário descrito, de 37% de taxa de informalidade e 13,7% de desemprego dentro da população economicamente ativa, a Educação Financeira pode surgir como uma ferramenta de transformação.

A educação tem o objetivo de mostrar ao indivíduo formas de gerir conhecimentos, resultando em práticas e experiências que decorrem em todas as áreas da sua vida pessoal (OLIVEIRA, 2012). Controlar o desejo do consumo e planejá-lo de forma racional pode não apenas reduzir gastos, bem como gerar investimentos.

Ainda sobre Educação Financeira, demonstram-se características da atual situação mundial com a pesquisa da *Standard & Poor's Rating (S&P Rating)*, uma empresa de classificação de risco que publica análises e pesquisas sobre *Alfabetização Financeira ao Redor do Mundo*. Na pesquisa divulgada em 2017, apenas 35% dos adultos brasileiros tinham conhecimentos considerados regular em Educação Financeira, o que colocou o Brasil na mesma posição de países como Chipre, Costa do Marfim, Gabão, Malawi, República Dominicana e Sri Lanka. Na próxima sessão, aborda-se de forma mais direta essa pesquisa, estabelecendo comparativos para chegar aos fatores determinantes do tema *O que é visto como Educação Financeira*.

Adam Smith (1776), filósofo e economista britânico a quem atribui-se a frase “a riqueza de uma nação se mede pela riqueza do povo e não pela riqueza dos príncipes”, dá um exemplo prático da importância da disseminação dos conhecimentos financeiros.

Os conceitos de controle financeiro devem ser transmitidos às crianças mesmo nas pequenas compras, por exemplo, com balas e bombons, ensinando-as que o valor do produto mostra o poder de barganha da compra (PEREIRA, 2003).

A concepção comum é de que planejamento financeiro, contabilidade, receitas e despesas são ferramentas meramente empresariais, daí a necessidade de disseminação da Educação Financeira nas famílias, nas escolas de todos os níveis educacionais e, principalmente, nas instituições bancárias e de crédito.

O objetivo principal desse estudo foi o de investigar *o que é visto como Educação Financeira*, demonstrando o que vem sendo feito a nível nacional nesse sentido.

O presente trabalho se apresenta em seis seções. Na primeira, tem-se uma breve contextualização do tema Educação Financeira, apresentando dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Na segunda seção, aborda-se a Estratégia Nacional de Educação Financeira, alguns estudos próximos ao tema, introduzindo as características no Brasil e no mundo e apresenta-se a pesquisa FIN LIT elaborada pelo instituto de pesquisa *Standard & Poor's* que foi aplicada em 140 países e 150 mil adultos, selecionados aleatoriamente, com o objetivo de entender nível de entendimento da população em sobre Educação Financeira (analfabetismo em educação financeira), visando ao estabelecimento de traços comuns ou paralelos para

identificação de hipóteses que atendam à questão principal do presente trabalho *o que é visto como Educação Financeira*.

Na terceira seção, aborda-se a metodologia utilizada.

Na quarta seção, faz-se o cruzamento de dados e comparação das pesquisas realizadas pelo autor entre públicos que trabalham em instituições financeiras e não-financeiras, com os dados apresentados na pesquisa divulgada pela agência de risco e da *Standard & Poor's*.

Na quinta, apresenta-se a conclusão do presente trabalho, com o levantamento das características reveladas por este estudo e, na última seção, lista-se todas as fontes de pesquisa utilizadas e que permearam este trabalho.

## 2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

A Educação Financeira no Brasil começou a ganhar visibilidade após a criação da Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF, conforme Decreto Federal 7.397/2010. Segundo o decreto, Educação Financeira é caracterizada como um processo que colabora com os indivíduos para entender melhor conceitos e produtos financeiros; desenvolver valores e competências para entender riscos e oportunidades de cada decisão financeira; fazer escolhas estando bem-informados e agir para melhorar seu bem-estar atual e no futuro.

O tema Educação Financeira, também conhecido como *alfabetização financeira*, é tratado pela abordagem de conteúdos como poupança, ou seja, como o hábito de poupar dinheiro e aplicá-lo para alcançar determinado objetivo ou desejo, a exemplo dos livros *Educação Financeira ao alcance de todos*, de José Pio Martins (2014), e *O poder da Educação Financeira* de Robert Kiyosaki (2017). Porém, Educação Financeira é algo muito mais amplo e complexo do que isso, englobando finanças pessoais, economia doméstica, planejamento familiar, previdência, contabilidade, tomada de decisão e, inclusive, conhecimentos sobre produtos e serviços financeiros.

A percepção popular empreende que a Educação Financeira e a Contabilidade são a mesma coisa. Porém, segundo Damato et al. (2012), a Contabilidade tem a finalidade de registrar os fenômenos que alteram a situação patrimonial financeira e econômica. Ou seja, ela está contida dentro da Educação Financeira.

Domingos (2008, p. 23) demonstrou sua preocupação ao dizer que “em geral, não temos ninguém que nos ensine sobre administração de finanças, e assim, ficamos sujeitos à antiga forma: por tentativa e erro”.

Quando se toma uma decisão financeira errada, muitas vezes trata-se de um fator que irá impactar durante anos seguidos na vida daquela família, como a assinatura de um contrato de empréstimo, um financiamento imobiliário, ou até mesmo a aquisição de um automóvel. Ser uma pessoa alfabetizada financeiramente significa ter o controle de fatos que alteram patrimônio (pode se entender como um registro do passado e presente) e guiar suas decisões de forma orientada (observação de possibilidades futuras). Noutras palavras, conhecer e aplicar a Administração Financeira na sua vida econômica.

Segundo Rheinheimer (2012), administração financeira, ou ainda administração de fundos, tem como objetivo natural buscar o melhor resultado possível, ou seja, maximizar o lucro.

## 2.1 Background sobre Educação Financeira

Existem diversos livros sobre Administração Financeira ensinando fórmulas perfeitas para o enriquecimento, para a aposentadoria antecipada, para a realização de sonhos materiais. Esta monografia, restringe-se a análise de como a Educação Financeira é percebida.

Segundo Rodrigues (2009), a Administração Financeira é considerada muito importante por planejar e controlar recursos, transformando-os de gastos em lucros. No Brasil, até a década passada a Educação Financeira era conteúdo apenas da educação básica, e ainda assim abordada de forma superficial, sem a fixação de conceitos, ferramentas e, muitas vezes, sem a qualidade impregnada pelo exercício da prática. Atualmente, diversas instituições financeiras e órgãos governamentais trazem opções de cursos virtuais gratuitos, com textos, resoluções de questões e proposições de estudo de caso, visando a disseminação e fixação desses conhecimentos, que antes eram restritos a uma pequena parcela da sociedade brasileira. Lista-se algumas destas iniciativas e seus resultados mais adiante neste trabalho, quando da abordagem dos aspectos encontrados na realidade brasileira.

A superintendente de sustentabilidade e negócios inclusivos do Itaú Unibanco, Denise Hills, revelou que,

*Um dos pilares da estratégia de Educação Financeira do Itaú é empoderar os clientes e a sociedade para que todos possam tomar as melhores decisões nos diferentes momentos da vida, promovendo reflexões para que alcancem o equilíbrio financeiro e conquistem seus objetivos<sup>1</sup>.*

Educação Financeira é definida pelo Serviço Brasileiro de Apoio ao Micro e Pequeno Empreendedor (SEBRAE) como a aprendizagem do controle de hábitos financeiros para a compreensão das escolhas financeiras, pois EF também significa qualidade de vida<sup>2</sup>.

Como se viu nesta seção, sob a perspectiva supracitada por Rodrigues (2009), a Educação Financeira atua como uma bússola, guiando o administrador – de empresa ou de finanças pessoais – através do dia-a-dia até o objetivo almejado, dando ferramentas para calcular quanto, quando, ou até como alcançar esse objetivo. Mais adiante fala-se de algumas plataformas digitais para ensino da Educação Financeira, citando seus contras e vantagens.

## 2.2 Pesquisas sobre Educação Financeira

Sobre a originalidade do assunto *Como é vista a Educação Financeira*, faz-se necessário revisar algumas pesquisas envolvendo o tema para provar a originalidade deste

---

<sup>1</sup>Disponível em: <<https://www.sincor-am.org.br/noticia/itau-unibanco-oferece-curso-online-gratuito-de-educacao-financeira/>> Acesso em: 08 de abril, 2019.

<sup>2</sup>Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Boletim%20-%20Servicos%20Financeiros%20-%20Fevereiro%202014.pdf>> Acesso em: 08 de abril, 2019.

estudo. Nenhum dos trabalhos encontrados enfocou em como a Educação Financeira é vista. Algumas das pesquisas podem servir como fonte de dados para cruzamento de informações com este trabalho, revelando informações novas e desencadeando novos trabalhos sobre o tema. Entretanto, o autor se ateve à demonstração dessa possibilidade.

Quadro 1 – Trabalhos sobre educação financeira.

A Educação Financeira como estratégia de análise do perfil do jovem consumista.	Moura (2005); Webley e Walker (1995); Kiyosaki, Lechter (2000).
Nível de conhecimento financeiro dos jovens da Geração Y, estudantes de um centro universitário na zona sul de São Paulo.	Van Rooij, Lusardi, Alessi (2011); Willis (2011); Savoia, Saito, Santana (2007); Huston (2010); Yates, Ward (2011); Remund (2010).
Geração Y e Educação Financeira.	Luisardi e Mitchell (2006); Potrich, Viera e Ceretta (2013)
Educação Financeira como um método de aprendizagem do uso do dinheiro para alunos do ensino médio de escolas públicas.	Kleiman (2003); Lima (2013).

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Infere-se a partir desse ponto que há carência de estudos na área, uma vez que não foram encontrados estudos específicos sobre como é vista a Educação Financeira. Tal pesquisa justifica-se sob a ótica do direcionamento de políticas públicas. Logo, este trabalho, se utilizado mesmo que corporativamente, poderá trazer impactos positivos à população.

A seguir, apresenta-se a Quadro 02 contendo as questões de pesquisa levantadas pelos estudos elencados na Quadro 01.

Quadro 02 – Trabalhos sobre educação financeira e suas questões de pesquisa.

A Educação Financeira como estratégia de análise do perfil do jovem consumista.	Qual o nexso causal entre endividamento de jovens e adultos e falta de educação financeira institucionalizada?
Nível de conhecimento financeiro dos jovens da Geração Y, estudantes de um	Qual o nível de conhecimento financeiro encontrado entre os jovens da Geração Y,

centro universitário na zona sul de São Paulo.	estudantes de um centro universitário na região sul de São Paulo?
Geração Y e Educação Financeira.	A avaliação da educação financeira e sua incidência entre os jovens.
Educação Financeira como um método de aprendizagem do uso do dinheiro para alunos do ensino médio de escolas públicas.	Qual a necessidade da educação financeira para os alunos do ensino médio de escolas públicas?

Fonte: Elaborado pelo autor(2017).

Dentre os trabalhos listados e suas questões de pesquisa, a pesquisa *Educação Financeira como um método de aprendizagem do uso do dinheiro para alunos do ensino médio de escolas públicas*, justificar a importância do tema e funciona como conteúdo complementar. Chama-se atenção para o referido trabalho por demonstrar o valor dos conhecimentos aplicados às realidades de jovens de escolas públicas.

### 2.3 Características da Educação Financeira em alguns países do mundo

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) publicou em 2017 dados e estudos realizados sobre o tema *Educação Financeira*, com todos os países membros. Primeiro, conceitua-se a OCDE segundo seu sítio na internet, conforme publicado em 2017 ao qual sua missão é promover políticas que melhorem o bem-estar econômico e social das pessoas em todo o mundo, atuando através do compartilhamento de experiências para solucionar problemas comuns, impulsionando as mudanças sociais, econômicas e ambientais.

Para o Palácio do Itamaraty, conforme publicado em seu sítio na internet em outubro de 2017, a OCDE representa uma das maiores organizações dentre as que atuam e influenciam empresas e Estados. Com um orçamento de mais de 342 milhões de Euros, realiza mais de 2.000 reuniões por ano, publicando cerca de 250 documentos, resultado dos seus 200 comitês. Participam dessa estrutura grupos de trabalhos e forças-tarefas que recebem aproximadamente 40.000 funcionários de governos dos países associados, membros da sociedade civil, instituições de pesquisa e representantes do setor privado.

Conforme publicação observada no sítio eletrônico do Palácio do Itamaraty, em outubro de 2017, o Brasil iniciou sua participação na OCDE na década de 1990, tornando-se em 2007 um dos cinco países conhecidos como *Parceiros Chave*. O país desenvolve

colaboração como membro do G20 – o Governo Brasileiro participa em 36 instâncias e já aderiu a 26 recomendações dentre outros instrumentos da OCDE.

Segundo a OCDE (2017), a avaliação dos níveis de alfabetização financeira é um componente-chave para uma estratégia bem-sucedida. As comparações internacionais agregam valor através do trabalho conjunto das nações para solucionar problemas em comum. Com essa finalidade, a OCDE criou a rede *International Network on Financial Education* (INFE), que pesquisa e monitora os índices de alfabetização financeira nos países membros através de programas como o *Programme for International Student Assessment* (PISA), responsável pelo estudo do desempenho de políticas e suas metodologias de implementação, mediante os conhecimentos desse grupo.

O PISA, conforme sítio eletrônico da OCDE em 2017, publicou que 12% dos mais de 500.000 estudantes de quinze anos de idade atingiram alta pontuação, demonstrando estarem aptos a enfrentar atividades complexas. Ainda sobre a mesma publicação, a pesquisa do PISA revela que cerca de 38% da variação da alfabetização financeira não está diretamente ligada à matemática ou habilidades de leitura. Cabe aqui, como objetivo secundário, investigar que fatores estão ligados à Educação Financeira, uma vez que esta questão de pesquisa se ligadiretamente ao objetivo principal deste trabalho, *como é vista a Educação Financeira*, e que se creditava maior importância à leitura e/ou matemática. Essa questão secundária será abordada diretamente na seção final deste trabalho, entretanto pode-se buscar parte da solução analisando a pesquisa da *S&P Rating*.

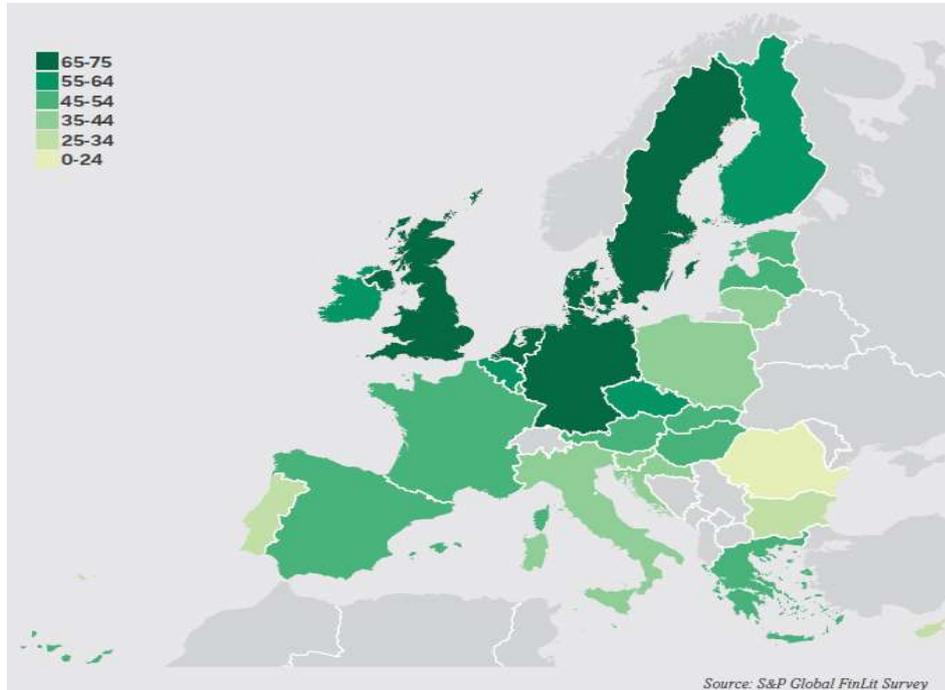
A pesquisa da *S&P Rating* sobre Alfabetismo Financeiro, *FinLit*, publicada em 2017 e citada na sessão introdutória, foi realizada com mais de 150.000 adultos selecionados aleatoriamente, em 140 países. A metodologia de avaliação se deu através da aplicação de cinco questões extremamente simples sobre diversificação de riscos, inflação, juros e juros compostos. Concluindo que as pessoas que não acertaram todas as perguntas, não estão bem preparadas para uma tomada de decisão consciente no tocante à Gestão Financeira, afirmando ainda que a ignorância financeira acarreta custos significativos para toda a estrutura.

Analisando mais profundamente a pesquisa *FinLit*, publicada em 2017, pode-se estimar fatores comuns traçando hipóteses para tentar entender as diferenças nos níveis de alfabetização financeira dentro dos grupos. A seção de discussão deste trabalho deverá auxiliar na solução da questão secundária sob que fatores estão ligados à Educação Financeira.

Na primeira análise, considera-se os fatores idade do país, localização, sistema político e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Dos 144 países pesquisados pela *FinLit*, os três

primeiros são da União Europeia e, entre os dez primeiros, sete países são europeus (Figura 1). Será então que esses fatores são determinantes?

Figura 1 – Alfabetização Financeira na Europa.



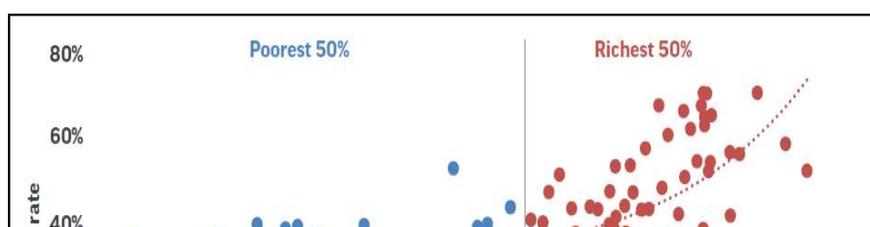
Fonte: S&P Global *Fin Lit* Survey (2017).

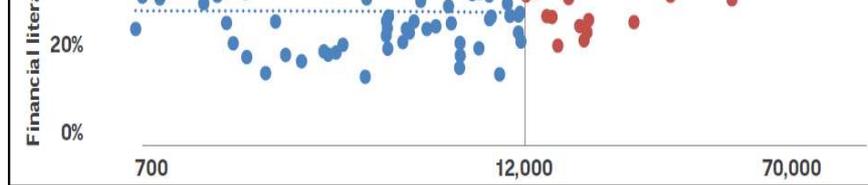
Mesmo a União Europeia dividindo um mercado comum, um Banco Central, um Tribunal de Justiça, um Parlamento e, aproximadamente, os mesmos índices de desenvolvimento, idade e localização geográfica, os países ao norte da Europa obtiveram resultados bem superiores em relação aos países localizados mais ao sul.

Pode-se inferir, portanto, que esses fatores (idade do país, localização, sistema político e Índice de Desenvolvimento Humano – IDH) não são diretamente determinantes para os índices pesquisados.

Numa segunda análise, coloca-se como um dos fatores importantes o PIB *per capita*, ou seja, a riqueza do país. Separando as economias do mundo em dois grupos, as 50% mais ricas e as 50% mais pobres (Figura 2), onde foi verificado que, quando há aumento na renda, há também um aumento no nível de Alfabetização Financeira da população. Portanto, a riqueza pode ser um fator diretamente ligado à Educação Financeira.

Figura 2 – Alfabetização Financeira e a renda *per capita*.





Fonte: *S&P Global Fin Lit Survey and Global Findexdatabase(2017)*.

Corroborando com a segunda análise, pode-se observar a tendência mundial de alfabetização financeira ante às economias mais avançadas e comparar com um grupo de economias emergentes. Aqui, foi utilizado para fins de enriquecer a discussão os BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (Figura 3).

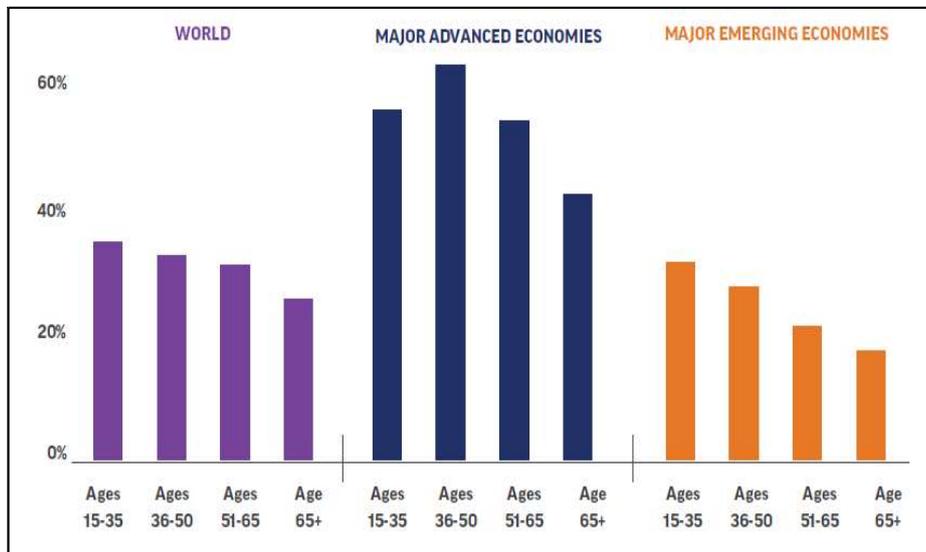
Ainda sobre a figura seguinte, que divide os respondentes por idade, verifica-se que as gerações mais velhas (com idades superiores aos 51 anos) têm índices inferiores, tanto no grupo selecionado de economias emergentes (BRICS), quanto nas mais avançadas (Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, o Reino Unido e os Estados Unidos), o que também se verifica nas médias mundiais. Portanto, idade pode ser listada como um dos fatores mais ligados ao nível de Educação Financeira.

Na figura 03 é perceptível também que o nível de Educação Financeira é mais alto nas economias mais desenvolvidas, em relação ao nível nas economias emergentes. Será então que a riqueza de uma país determina o nível de Educação financeira de seu povo? Para refutar essa possibilidade, explica-se utilizando a figura 2, onde se tem a distribuição dos países de acordo com o PIB *per capita* nas abcissas e o nível de Educação Financeira nas ordenadas. Caso a riqueza fosse um fator determinante, seria possível visualizar uma reta ou curva, contínuas cruzando toda a figura. Porém, ambos os fatos ocorrem, de forma separada, ou seja, em cinquenta por cento das economias mais pobres a riqueza não interfere no nível de Educação Financeira. Já na metade mais rica dos países analisados, à medida em que a riqueza diminui, o nível da Educação Financeira também diminui. Dessa forma, observa-se que a riqueza influencia, até certo ponto, e, portanto, não deve ser um fator determinante.

Esses resultados, embora eloquentes entre si, se leva a novos questionamentos como, por exemplo, a Alfabetização Financeira varia ao longo das gerações? Entretanto, este trabalho irá limitar-se ao tema *como é vista a Educação Financeira* e sua questão secundária sobre fatores determinantes. O cenário demonstrado pelas pesquisas consultadas, *FinLit* e PISA,

divulgadas em 2017, fornece características suficientes para a seção de discussão da pesquisa realizada pelo autor.

Figura 3 – Alfabetização Financeira através das gerações.



Fonte: S&P Global Fin Lit Survey(2017).

Adiante aborda-se algumas das características da Educação Financeira no Brasil, baseando-se as observações em organismos reconhecidos nacionalmente como referência e em alguns dados divulgados pelas instituições mais influentes do país.

#### 2.4 Características da Educação Financeira no Brasil

No Brasil, por volta do ano de 1970, devido ao endividamento e aos golpes contra o sistema financeiro, era necessária a criação de um serviço de proteção ao crédito, de onde surgiu a SERASA (Centralização de Serviços dos Bancos), cuja principal ferramenta era uma lista de maus pagadores, elencando cheques sem fundos, títulos protestados, dentre outros golpes contra o sistema. Essa solução, segundo o próprio órgão, hoje, forma a maior base de dados da América Latina, com cerca de 6 milhões de consultas diárias.

Como medida para acompanhar o desenvolvimento dos conhecimentos dos brasileiros em Educação Financeira, a SERASA chegou a criar um indicador próprio de Educação Financeira, o índice de Educação Financeira - IDEF. O IDEF considera três variáveis: atitude, conhecimento e comportamento. O IDEF do brasileiro na SERASA registrou crescimento no quesito chamado *atitude*, que passou de 6,1 para 6,4. No quesito conhecimento, caiu 0,1, passando para 7,6, e o item *comportamento* não sofreu alteração, permanecendo em 5,4. Em

resumo, a nota do brasileiro no ano de 2017 performou a mesma de dois anos antes: 6,2 pontos.

Segundo Luiz Rabi, economista da *Serasa Experian*, no Brasil não existe um conjunto de ações com base sólida o suficiente para transformar significativamente os resultados que temos em Educação Financeira<sup>3</sup>.

Conforme foi visto, a Educação Financeira no Brasil tornou-se foco depois da instituição da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), cujo objetivo é contribuir para o fortalecimento da cidadania ao fornecer e apoiar ações que ajudem a população a tomar decisões financeiras mais autônomas e conscientes.

Uma das iniciativas geradas pela ENEF é a AEF–Brasil, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP). Seu portfólio de projetos possui iniciativas que podem ser patrocinadas ou apoiadas em seu desenvolvimento por instituições da iniciativa privada, governamentais e da sociedade civil, que vejam a Educação Financeira como um tema relevante que contribua tanto para seus objetivos institucionais quanto para o desenvolvimento do país. Com uma equipe técnica especializada em Educação e em Desenvolvimento de Projetos, utilizam sua expertise à disposição da construção de tecnologias educacionais e sociais desenvolvidas para diferentes públicos, como crianças, jovens e adultos, em diferentes fases de sua vida.

No primeiro mapeamento nacional, segundo o sítio eletrônico da AEF-Brasil, a ENEF já possuía em sua base de dados 317 iniciativas que, em sua maioria, abordavam finanças pessoais e dúvidas do dia-a-dia. Ainda segundo o primeiro mapeamento, foram encontradas muitas oportunidades na questão da Alfabetização Financeira, a saber:

- a)** Incentivar o desenvolvimento de programas voltados a públicos e locais de maior vulnerabilidade;
- b)** Fomentar a criação de indicadores para balizar a avaliação dos resultados das iniciativas;
- c)** Incentivar a inserção da Educação Financeira como um tema a ser abordado por diferentes atividades educativas, principalmente pela sua transversalidade;
- d)** Estimular maior especialização das ações de formação, de modo a atentar para o corpo docente, aos conteúdos e à avaliação;
- e)** Fomentar correlações entre educação financeira e sustentabilidade, a fim de que os programas oferecidos alcancem a dimensão macro das reflexões sobre

---

<sup>3</sup>Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/educacao-financieira/noticia/mais-de-60-dos-brasileiros-gastaram-mais-do-que-ganharam-em-2017-diz-pesquisa.ghtml>> Acesso em: março, 2018.

consumo consciente e os impactos econômicos, sociais e ambientais dos diferentes comportamentos financeiros.

A ENEF, segundo publicado pela AEF-Brasil em 2017, atua como reforço ao currículo escolar, que deveria preparar os estudantes para a vida adulta, formando-os não só como cidadãos, mas também como membros da sociedade e indivíduos capazes de agir e pensar por si só. Segundo Giambiagi e Zentgraf(2010), a escola não cumpre adequadamente seu papel. No Brasil, as deficiências são óbvias no processo de aprendizado, sendo as notas do ENEM um suporte para tal afirmação.

Estudos como o PISA apontam que atuar apenas nas escolas não é o melhor caminho para mudar a cultura de um país, segundo comenta o venezuelano Reimers (2011), diretor do Programa de Políticas de Educação Internacional da Universidade de *Harvard*. Ainda conforme Reimers (2011), as escolas estão atendendo aos interesses políticos, ou de outros grupos, uma vez que os cargos ligados à área da Educação (diretor de escola, secretário, ministro) são entregues às pessoas segundo diversos critérios, exceto talento. Reimers é conhecido como entusiasta de profundas mudanças no que chama de *estruturas engessadas da Educação*.

Após o marco que instituiu a ENEF, diversos mecanismos estatais começaram a agir em conjunto, corroborando com essa finalidade. Segundo histórico do ENEF no sítio eletrônico do Ministério da Educação e Cultura (MEC), foi iniciado um projeto-piloto desenvolvendo a educação financeira junto à rede pública de ensino médio em vários estados brasileiros, inclusive no Distrito Federal. O tema, incorporado em diversas matérias, gerou um material que foi distribuído para 26 mil alunos e 2 mil professores em 891 escolas, e agora está disponível na internet.

O projeto de maior êxito, segundo publicação da AEF-Brasil em 2017, é o Programa de Educação Financeira para o Ensino Médio, lançado entre 2010 e 2011, cujo início se deu com a inclusão de livros inéditos em 891 escolas, distribuídas em seis estados brasileiros, e com o treinamento de 1,2 mil professores, impactando aproximadamente 27 mil alunos. Com a posterior ampliação do programa, esse número cresceu para 2.900 escolas, atingindo 270 mil alunos.

Segundo a Associação da Educação Financeira do Brasil – AEF-Brasil, o tema é uma causa transversal entre diversas óticas, e algumas organizações já atuam com medidas socioeducativas para a promoção da tomada de decisões financeiras conscientes, focando no cunho econômico pessoal e nacional.

No Brasil, elenca-se diversas novas frentes de combate ao analfabetismo financeiro. Encontra-se também organizações privadas, como a Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (AMBIMA), com cursos voltados para vários tamanhos de investidores, além de cursos específicos para universitários; e B3 (fusão da BM&F Bovespa e CETIP), com orientações sobre ações e demais investimentos. Organizações governamentais, como a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e o Banco Central do Brasil (BACEN), estimulam a inclusão financeira e a disseminação de conceitos, artigos científicos e debates sobre o tema, e até uma sociedade civil como a AEF-Brasil e a OSCIP que atua nacionalmente, acredita que este tema pode alavancar o desenvolvimento da nação.

Além das iniciativas mencionadas no parágrafo anterior, a instituição AEF-Brasil coleciona, em seu sítio eletrônico, outras ações diretas do governo, como o programa *Progridir*, que prevê incentivos ao microcrédito, assistência técnica, cursos profissionalizantes, oficinas de preparo profissional e de educação financeira para beneficiários do programa Bolsa Família.

Na matéria divulgada pela AEF (2017), segundo estimativa da Associação Brasileira de Educadores Financeiros (ABEFIN), cerca de um milhão de estudantes da Educação Básica tem contato com EF através de Matemática, Ciências da Natureza, História e até Português – a exemplo dos alunos do quinto ano da Escola Municipal de Joinville Eladir Skibinski, que ainda segundo a matéria “não gastam mais todo seu dinheiro em balas, chicletes e chocolates”.

Desde 2015, a direção da escola transmite a Alfabetização Financeira através das disciplinas básicas. Os estudantes começaram a poupar, planejar e até criar novas fontes de renda, objetivando viagens, cursos, roupas e livros novos.

Segundo Cláudia Forte, superintendente da AEF-Brasil, a Educação Financeira adiciona autonomia ao pensamento, pois através do aprendizado também desenvolvemos a sustentabilidade – o que encerraria um ciclo de consumo consciente, planejamento, poupança e sustentabilidade.

A realidade dos estudantes da Escola Municipal de Joinville Eladir Skibinski está mudando e isso muda também a realidade familiar. De acordo com a pesquisa divulgada em 03 de março de 2018 pela ABEFIN no periódico Metro, fruto de uma parceria do Instituto Axxus e o Instituto de Economia da Unicamp, 71% dos alunos que têm aulas sobre Educação Financeira ajudam os pais a fazerem compras conscientes. Já nas famílias que não têm filhos educados para o tema, a cooperação na hora da compra não existe.

A pesquisa do Instituto Axxus foi realizada nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Goiânia e Vitória, com pais de crianças de 4 a 12 anos em escolas particulares que adotam e que não adotam programas de Educação Financeira.

Como visto nessa seção, há uma política pública se desdobrando em iniciativas de várias frentes, cooperando para o aumento no interesse e na disseminação da Educação Financeira. As iniciativas citadas tiveram início após o ano de 2010, quando o Brasil se tornou signatário do tema Educação Financeira na OCDE, estabelecendo a lei que versa sobre o Plano Diretor da Estratégia Nacional de Educação Financeira.

A próxima seção aborda a metodologia utilizada na construção desse trabalho.

### **3 METODOLOGIA**

Quanto à epistemologia, este trabalho se desenvolveu sob a ótica quantitativa, com a finalidade de explicar os fatores determinantes da Educação Financeira e como é vista a Educação Financeira, uma vez que a seção anterior apontou as características deficientes na Educação Financeira ou sua abordagem no Brasil.

No processo de elaboração deste trabalho, realizou-se a análise da pesquisa *Fin Lit – around the world*, publicada em 2017 pelo instituto *S&P Rating*, passando por outra divulgada pelo programa PISA da OCDE e culminando na aplicação de uma pesquisa própria com o público de uma instituição financeira, encerrando-a com a avaliação dos resultados e comparação com pesquisa semelhante realizada com público de instituições não-financeiras.

Embasado no cenário descrito nas seções anteriores, surgiu a necessidade de verificar os estudos apresentados. Para tanto, foi realizada em 2017 a aplicação de um questionário a 64 participantes voluntários, distribuídos em 10 estados brasileiros e de diversas classes socioeconômicas. A amostra foi montada inicialmente voltada para funcionários de instituições financeiras, de onde surgiu a necessidade da criação de um grupo de controle, para comparar os resultados da pesquisa semelhante realizada com público diverso deste.

O questionário elaborado pelo autor foi voltado para entender o que se enxerga como Educação Financeira, se existe prática em seu dia a dia, como aprendeu e se ensina, ou discute o assunto com alguém. Embora as pesquisas PISA e *FinLit* sejam direcionadas para saber se os participantes possuem conhecimentos em Educação Financeira, ou ainda qual seu nível de conhecimento a respeito da educação financeira, este trabalho limitou-se a entender como é vista a temática. Portanto, não há qualquer questão testando a existência ou o nível de conhecimento sobre o assunto.

Quanto ao método, utilizou-se a revisão e a análise dos dados publicados pela OCDE e pela S&P *Rating* em 2017, através das pesquisas do PISA e da *FinLit*, para fins de fundamentação e justificativa deste trabalho. O questionário foi aplicado como uma nova fonte de informações. Segundo Covey(2008), alguns meios de comunicação trazem informações de caráter duvidoso, tornando necessário averiguar fatos e buscar mais fontes.

Outro método utilizado foi a pesquisa *ex-post-facto* em formato de entrevista com alguns participantes, ocorrendo após a aplicação da pesquisa, questionando-os sua percepção sobre o tema, apresentando os resultados gerais das pesquisas e objetivando a compreensão e confirmação destes.

Segundo Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa *ex-post-facto* interroga situações depois de um acontecimento, objetivando explicar e entender como os entrevistados chegaram nesse ponto.

A sessão seguinte apresenta os resultados obtidos consolidados, a percepção dos participantes da tabulação, seguido da discussão e interpretação dos dados.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Esta seção expõe e discute os resultados das pesquisas realizadas pelo próprio autor. O primeiro questionário foi aplicado via internet a respondentes de 10 estados do Brasil, com 64 funcionários de uma instituição financeira. No segundo momento, foi aplicada pesquisa similar, também pela internet, dessa vez selecionou-se o público que não trabalha com mercado financeiro e nem instituições bancárias, com 87 respondentes. Ambos os questionários foram direcionados para verificar *como é vista a Educação Financeira* e, subsequentemente, fatores determinantes da Educação Financeira

Do primeiro questionário, construído com base no modelo da SERASA, tenta identificar público, percepções e atitudes. Foram realizadas oito perguntas, as quatro primeiras são para qualificar os respondentes, a saber: idade, sexo, grau de instrução e número de filhos/dependentes. Em seguida, foi questionado sobre dependência financeira, e quem são os dependentes, onde aprenderam sobre Educação Financeira e o que é Educação Financeira, se possuíam interesse sobre o tema e, por último, se agiam como educador financeiro.

Da qualificação, obtivemos sobre a idade que a maioria dos entrevistados, 56,3%, possui entre 31 e 40 anos. Sobre o grau de instrução, 42,2% cursaram apenas até o ensino superior. Sobre o gênero, 54,7% são homens e 42,2% não possuem filhos.

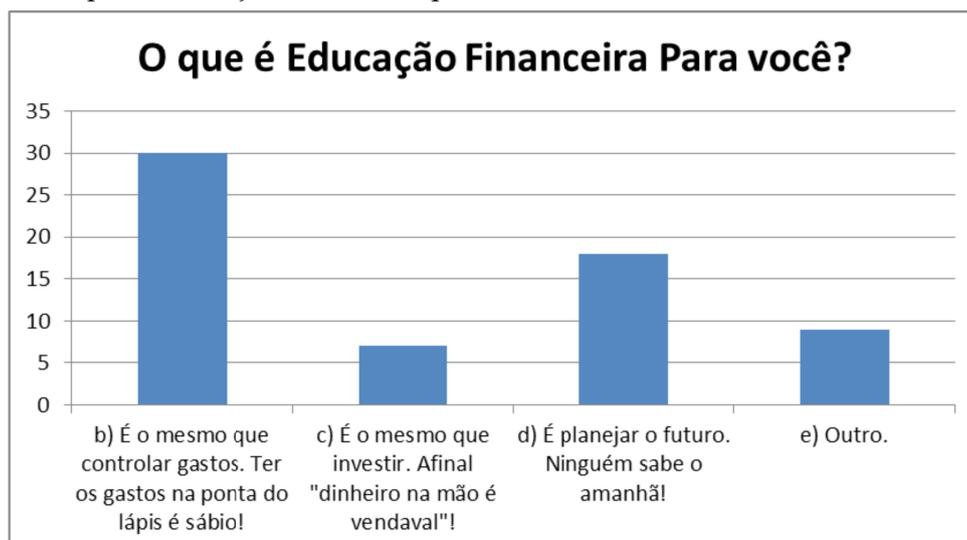
Dos dados analisados, 39,1% não conversam ou não se interessam sobre educação financeira. Sobre dependência financeira, foi permitido marcar mais de uma alternativa: dos

respondentes, 6,3% alegaram não serem independentes financeiramente; 15,6% possuem o/a cônjuge como dependentes financeiros; 18,8% possuem como dependentes os pais ou avós; apenas 26,6% disseram não ter dependentes financeiros e os demais, 57,9%, possuem filhos, enteados ou outros tipos de dependentes.

Quando questionados sobre onde aprenderam a respeito do tema, 3,9% dos respondentes afirmam ter sido na escola; iguais quantidades alegaram que foi com amigos e num curso específico, consecutivamente; 18,8% na faculdade; 10,9% com parentes, 42,2% de maneira autônoma; 12,5% não aprendeu e 1,95% não se interessa, percentual igual àqueles que aprenderam de outra forma.

Para avaliar a percepção sobre o tema, foi questionado o que seria, na visão do respondente, *Educação Financeira*, sendo oferecidas cinco opções: poupar, controlar gastos, investir recursos, planejar e outros. O resultado foi de 46,9% onde perceberam como controle de gastos; 28,1% associaram a planejamento; 10,9% entenderam como investimento e 14,1% definiu como outros. Conforme sessões anteriores deste trabalho, viu-se várias definições para Educação Financeira, em sua maioria, apontando poupança, controle financeiro, investimentos e planejamento financeiros como aspectos que permeiam a definição, logo esperava-se uma divisão quase homogênea das quatro funções. O resultado mostrou que quase metade dos participantes vê o tema como controle de gastos (figura 04).

Figura 4 – O que é Educação Financeira para você?



Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Ressalta-se que nove respondentes (aproximadamente quatorze por centro) interpretaram que outra coisa (diferente de poupar, controlar gastos, investir recursos e planejar) seria a real definição de Educação Financeira.

Conforme o início desta sessão, o público da primeira pesquisa foi formado apenas por funcionários de uma instituição financeira. Visando-se ampliar os horizontes de estudo deste trabalho e analisar o impacto desta carreira no conhecimento sobre o tema, optou-se por aplicar um segundo questionário selecionando um público que não trabalhasse em instituições financeiras, contando com 87 participantes.

A segunda pesquisa, ainda mais direta sobre a temática “Como é vista a Educação Financeira”, indagou: ‘Frente às matérias da grade escolar, qual relevante é a Educação Financeira?’; ‘Que maneiras o tema pode ser inserido e ensinado?’; ‘Quais opções são úteis para aprender sobre Finanças Pessoais?’; ‘A disciplina Mercado Financeiro tem valor para quais públicos?’; ‘Quantas horas você dedicaria a Finanças Pessoais?’; ‘Qual nível você se identifica sobre o tema?’; obteve-se os resultados apresentados a seguir.

Para a questão ‘frente às matérias da Grade Escolar, qual relevante é Educação Financeira?’ (figura 05), apenas 1,15% dos participantes define como ‘Irrelevante’, na contramão destes 83,91% julgam ‘Máxima relevância’ ou ‘Mais relevante que a maioria’.

Figura 5 – Resultados da relevância da Educação Financeira.



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Também foi perguntado ‘De quais maneiras você acredita que o tema pode ser introduzido e ensinado de forma efetiva?’ (figura 06). Foi permitida marcar mais de uma

opção), 85,06% dos respondentes acredita que a ‘Sala de aula’ é a forma mais efetiva, seguido de ‘Programa de TV’ e ‘Jogo de tabuleiro’, com 48,28% e 40,23%, respectivamente.

Figura 6– Maneiras de como a Educação Financeira pode ser introduzida.



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Na figura 07, retrata-se a classificação de importância do tema segundo os respondentes. Foi permitido dar notas a cada tema de zero à cinco para cada tema, sendo zero a menor importância e cinco a maior importância, o resultado exibido é a média das respostas.

Figura 7 – Classificação da importância de temas financeiros.



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Quando questionado sobre o valor da disciplina Mercado Financeiro segmentando por públicos (figura 08), os respondentes apontaram que o conhecimento é mais importante para o ensino médio com 37%, seguido da faculdade com 28%.

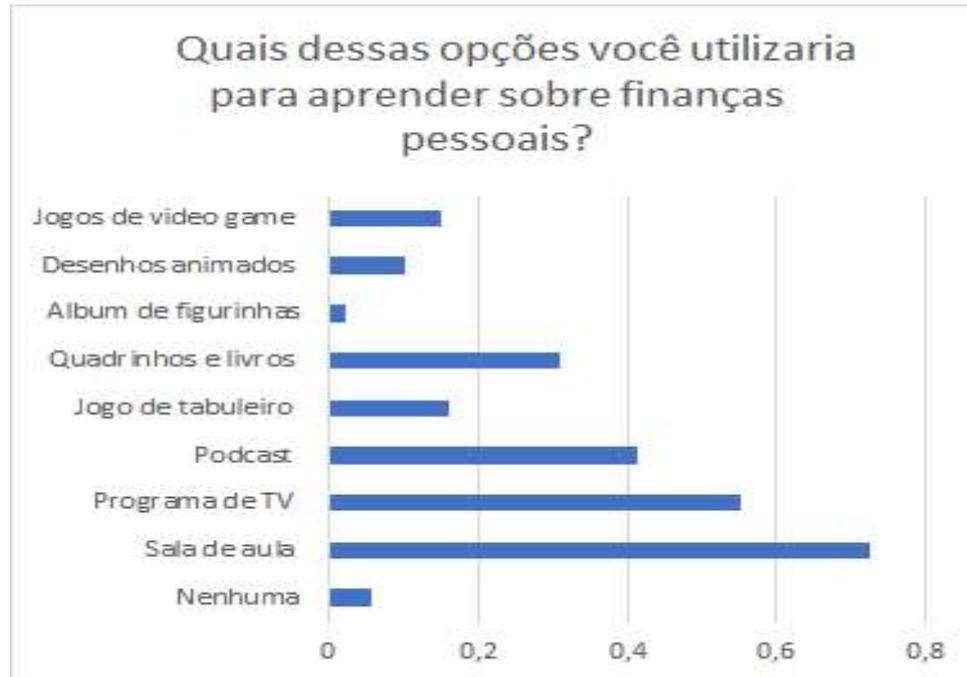
Figura 8 – Disciplinas voltadas para mercado financeiro.



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Após questões envolvendo a percepção dos respondentes sobre a importância do tema para terceiros, optou-se pela inclusão de questões para perceber a importância do tema na esfera pessoal. Quando perguntado 'Quais opções você utilizaria para aprender sobre finanças pessoais?' (figura 09). Foi facultado marcar mais de uma opção, sendo os três mais votados foram 'Sala de aula' com 72,41%, seguido por 'Programa de TV' e 'Podcast', com 55,17% e 41,38%, respectivamente.

Figura 9 – Meios citados para o aprendizado de finanças pessoais



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Foi perguntado também, ‘quantas horas você dedicaria, por semana, à Finanças Pessoais?’ (figura 10),sendoque45,98% dos entrevistados afirmou que se dedicaria cerca de uma hora ao tema. Em seguida, ficou 22,99, afirmando que não dedicaria nenhum tempo por semana.

Figura 10 – Horas dedicadas ao estudo de finanças pessoais.



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Para finalizar o questionário, perguntou-se ‘Com qual perfil a respeito de instrução financeira você mais se identifica?’ (figura 11). Enquanto 62,07% dos participantes se

identifica com conhecimentos básicos e 18,39% equiparam seus conhecimentos aos profissionais.

Figura 11 – Perfil de instrução financeira.



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Do segundo questionário, pode-se inferir que a maior parte do público considera relevante ou de máxima relevância a Educação Financeira, enxergando a sala de aula, televisão ou jogos de tabuleiro como espaço para o conteúdo ser inserido e ensinado. Os conteúdos mais importantes são ‘orçamento familiar’, seguido de ‘taxas e rentabilidade’ e ‘investimentos’. E que o público que pode perceber o maior valor no mercado financeiro é o Ensino médio. E que aprenderia Educação Financeira numa sala de aula, pela televisão ou por um *podcast*, dedicando-se cerca de uma hora por semana ao tema e atualmente se enquadra-se com conhecimentos básicos sobre o assunto.

Como é possível notar, o público do segundo questionário perfaz um grupo oposto ao dos respondentes do primeiro questionário composto por bancários. De certa forma, ambos indicam a importância do tema, enxergando valor na Educação Financeira.

Entende-se que três paralelos podem ser estabelecidos: no primeiro, onde 42,2% entre os bancários que aprenderam Educação Financeira de forma autônoma e o índice muito próximo disso, 45,98% entre os não-bancários, afirmou que dedicaria cerca de uma hora às Finanças Pessoais. Mesmo quem não trabalha em bancos, demonstrou importar-se em conhecer mais sobre o assunto. No segundo paralelo, 39,1% dos bancários disse não se interessar e não conversar sobre o tema, contra 8,05% dos não-bancários. Por último,

enquanto os não-bancários dizem enxergar maior valor na Educação Financeira para os alunos escolares (60%) e os alunos de faculdade (28%), entre os bancários, apenas 3,9% diz ter aprendido o conteúdo na escola e 18,8% aprendeu na faculdade.

Após o preenchimento e tabulação dos questionários, selecionou-se, aleatoriamente, voluntários de cada grupo para apresentação dos resultados e discussão de percepções em grupo. Do primeiro questionário, preenchido pelos bancários, comentou-se que ‘a idade média do público bancário está baixando, até pouco tempo era de cerca de 50 anos ou mais’, que cerca de 40% aprendeu sozinho sobre o tema, sendo essa informação interpretada como “uma possível necessidade de atualização da grade curricular da escolar ou da faculdade”. Dentre os entrevistados, a ação mais aderente à Educação Financeira (resposta à pergunta 01: ‘O que é Educação Financeira para você?’) era controle de gastos por eliminação, já que as demais atividades (planejamento, investimento ou outras atividades) pareciam disciplinas de Gestão.

Do segundo grupo, formado por voluntários não-bancários, comentou-se que há o desconhecimento de políticas públicas e que também há pouca divulgação dos resultados. Um voluntário apontou que seu banco tinha um programa de Educação Financeira, que pretendia conhecer, mas faltava tempo.

Indagou-se aos dois grupos de entrevista, em suas percepções sobre as questões de pesquisa dessa pesquisa, inicialmente, ‘quais fatores estão ligados à Educação Financeira?’, ambos os grupos apontaram experiências pessoais e ressalta-se que o resultado geralmente envolveu empirismo, ou conhecimento transmitido de experiências pessoais com parentes muito próximos. Quanto ao ‘como é vista a Educação Financeira?’, comentou-se que, entre os não-bancários, a pesquisa demonstrou o valor do conhecimento para jovens em idade escolar e a importância da Educação Financeira, entretanto quando a pergunta era sobre o próprio indivíduo. "Não houve disposição de aprender o tema, ou se houve, pareceu ser reduzida. Portanto, não há uma percepção real, ou imediata, do resultado na aplicação da Educação Financeira."

Na próxima sessão, perpassa-se superficialmente toda a pesquisa, relatando as questões mais importantes de cada sessão deste trabalho.

## **5 CONCLUSÃO**

O tema de pesquisa *Educação Financeira* surgiu junto com a curiosidade do autor de entender os altos índices de endividamento que a população brasileira e sua capacidade de pagamento. Nesta sessão pretende-se explicar a linha de raciocínio que permeia o trabalho, bem como as conclusões que a pesquisa alcançou.

Inicialmente, foi necessário à pesquisa comprovar se a situação de inadimplência ou de alto nível de endividamento era uma percepção pessoal do autor, ou se tratava-se de fato real, bem como algo restrito aos trabalhadores de um específico setor da economia nacional, ou se era algo restrito à determinada localização geográfica. Comprovou-se o cenário de endividamento com dados do instituto de proteção ao crédito Serasa *Experian*, mostrando que o número de inadimplentes chegou a 61 milhões de brasileiros. Porquanto, esse dado aponta o número de pessoas em situação de débito com seus credores. Mas, para que o número de endividados comprove alguma situação nacional, fez-se necessário comparar com algum outro dado.

Em seguida, buscou-se entender qual o tamanho da população economicamente ativa no Brasil, por isso consultou-se o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, cujos dados publicados demonstraram que a população economicamente ativa chega a pouco mais de 91,06 milhões de trabalhadores e 14,2 milhões de desempregados. Comparativamente, tem-se que o número de inadimplentes, que se comparado à população economicamente ativa adicionada ao quantitativo de desempregados, perfaz 57,9%. Saciando-se dessa forma a curiosidade quanto à aplicabilidade do estudo, entendeu-se que a maioria dos brasileiros está em situação de inadimplência, podendo achar esse estudo rico em conhecimentos e utilidade, afastando também as hipóteses de se tratar de uma percepção pessoal do autor ou fator restrito à determinada região do país.

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, instituições como a AEF-Brasil citaram alguns casos de dificuldades financeiras, relacionados com características que apontam baixos índices educacionais. Dessa forma, reforçando a importância deste trabalho para a população em geral, ou gestores da Administração Pública. Alguns dos respondentes voluntários deste trabalho manifestaram interesse na pesquisa como forma de redenção, comentando casos em que decisões financeiras foram tomadas sem qualquer base ou estudos anteriores. Como visto na pesquisa, alguns dos entrevistados recorreram ao conhecimento da Educação Financeira para se recuperar financeiramente.

Para descobrir se a Educação Financeira existe na vida da população, investigou-se o nível dos conhecimentos de alguns brasileiros, selecionando entre pessoas que trabalham em instituições financeiras, que na teoria detêm mais conhecimentos sobre o tema, comparando com as opiniões de público que não trabalha em instituições financeiras. O tamanho da população brasileira, cerca de duzentos milhões de pessoas inviabilizou realizar a pesquisa em todo o país. Portanto, buscou-se então pesquisas confiáveis já realizadas, assim chegou-se ao instituto *Standard & Poor's Rating* e seu trabalho publicado chamado de *Fin Lit – around the*

*world* (Alfabetização Financeira ao redor do mundo, em português), realizada com cento e cinquenta mil de adultos, de forma aleatória, e por telefone, em dezenas de países. A publicação *Fin Lit*, testou o nível de conhecimento dos adultos participantes apenas com quatro perguntas simples, sendo um sobre cada tema diversificado de risco, inflação, juros e juros compostos. No que tange ao presente trabalho, foi possível extrair principalmente duas informações: primeiro que 35% dos brasileiros têm o nível considerado regular em Educação Financeira; e segundo, que o percentual de brasileiros adultos com o nível considerado regular em Educação Financeira é similar aos resultados obtidos pela pesquisa *Fin Lit* em países como Chipre, Costa do Marfim, Gabão, Malawi, República Dominicana e Sri Lanka

Buscou-se então pela conceituação de Educação Financeira, visando compreender o que é visto como Educação Financeira. Para tal, primeiro foi necessário entender como 65% dos brasileiros, calculado através do número de endividados pela população economicamente ativa, tornaram-se deficientes no tema, a ponto de se inadimplir suas dívidas. Foi então que se descobriu as políticas públicas responsáveis por facilitar a disseminação do tema e a implantação desse conteúdo nos currículos escolares. Entretanto, apenas no ano de 2010 foi encontrado o decreto que instituiu a Estratégia Nacional de Educação Financeira. Tal decreto, demonstra o interesse da sociedade, ou ainda, a necessidade de se desenvolver no tema, principalmente pela definição do tema no decreto "a Educação Financeira é um processo que colabora com os indivíduos para entender melhor conceitos e produtos financeiros; desenvolver valores e competências para entender riscos e oportunidades de cada decisão financeira; fazer escolhas estando bem-informados; e agir para melhorar seu bem-estar atual e no futuro".

De forma resumida, voltando à colaboração deste trabalho e para o melhor entendimento dos conceitos, percebeu-se que a definição do decreto responde adequadamente à questão principal desta pesquisa *como é vista a Educação Financeira*.

Ainda na busca para entender como é vista a Educação Financeira, descobriu-se estudos, artigos e livros que demonstrem o real valor do tema Educação Financeira, sua função e o principal meio de aprendizado. Fez-se necessário também justificar a originalidade desse trabalho, e, dentro do mapeamento realizado, foi possível encontrar pesquisas que poderiam enriquecer o presente trabalho, mas nada no mesmo direcionamento. Demonstrando não apenas a originalidade deste trabalho, mas uma possível carência de estudos na área da Educação Financeira.

Para entender se havia dificuldade na disseminação dos conhecimentos sobre Educação Financeira, buscou-se a existência de fontes de conhecimento confiáveis. Sobre as

fontes de conhecimento, mapeou-se iniciativas impressas e virtuais em instituições de ensino e aprendizagem voltadas para crianças e adultos, como algumas escolas integrais, institutos de ensino para jovens e adultos (rede EJA) e o Sebrae, além de empresas públicas e privadas, como algumas organizações governamentais, como a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e os bancos, como o Central do Brasil (BACEN), Caixa Econômica Federal, Santander e Itaú; a bolsa de valores B3 - fusão da BM&F Bovespa e CETIP.

Ao longo da pesquisa sobre como é vista a Educação Financeira e do cruzamento de dados com outros estudos, surgiu a questão secundária *quais fatores influenciam o nível de conhecimento de Educação Financeira*. Diante dessa, avaliou-se dados dos estudos do PISA, levantando hipóteses, comparando-se diferentes pesquisas e aplicando os próprios questionários. Na aplicação dos questionários, notou-se que entre os bancários 18% aprendeu na faculdade, entre os não-bancários esse índice ficou muito percentual muito próximo ao índice dos que se declaram profissionais das instituições financeiras, reforçando a importância da grade curricular na vida daqueles estudantes. Aprofundando-se na etapa de entrevistas, com bancários e não-bancários, ambos os grupos forneceram muitos insumos para este trabalho. Os próprios voluntários apontaram o interesse em aprender sobre Educação Financeira, que no caso dos bancários acaba sendo inerente ao seu ofício, e no grupo de não-bancários 46% dos respondentes afirmou que dedicaria uma hora por semana ao aprendizado do tema, demonstrando a importância, ou o nível de interesse, ou ainda, a percepção de valor, como resposta direta à questão de pesquisa secundária.

Na resolução de como é vista a Educação Financeira, os questionários e as entrevistas trouxeram que atividades vinculadas ao tema são frequentemente classificadas como atividades de gestão, como se fosse obrigação apenas de empresas administrar suas decisões financeiras. O grupo de não-bancários apontou surpresa e desconhecimento quando souberam de políticas públicas para o aprendizado e disseminação da Educação Financeira, inclusive, um voluntário afirmou interesse e, imediatamente, alegando falta de tempo em utilizar o curso gratuito oferecido por seu banco na internet. Por tanto, os fatores que influenciam o nível de conhecimento de Educação Financeira, além de interesse, necessidade e tempo, entende-se desta forma que as práticas da política pública sobre Educação Financeira

Finaliza-se essa pesquisa com o aprendizado de que é mais comum um perfil com mais conhecimento sobre Educação Financeira em países mais ricos e que fatores como profissão ou interesse influem diretamente no nível de conhecimento sobre o tema. Além da importância e do impacto das políticas públicas, programas de ensino e aprendizado nas grades escolares. Com a percepção de que a própria sociedade brasileira iniciou movimentos

para melhorar seus índices de conhecimento sobre o tema, tanto na iniciativa pública, quanto na privada. Foi verificado que ainda há várias frentes necessárias ao desenvolvimento da consciência de valor sobre o tema, como apontou o mapeamento da AEF-Brasil, tais como:

- a) Incentivar o desenvolvimento de programas voltados a públicos e locais de maior vulnerabilidade;
- b) Fomentar a criação de indicadores para balizar a avaliação dos resultados das iniciativas;
- c) Incentivar a inserção da Educação Financeira como um tema a ser abordado por diferentes atividades educativas, principalmente pela sua transversalidade;
- d) Estimular maior especialização das ações de formação, de modo a atentar para o corpo docente, aos conteúdos e à avaliação;
- e) Fomentar correlações entre educação financeira e sustentabilidade, a fim de que os programas oferecidos alcancem a dimensão macro das reflexões sobre consumo consciente e os impactos econômicos, sociais e ambientais dos diferentes comportamentos financeiros.

E, os prováveis resultados desse trabalho, conforme a pesquisa do Instituto Axxus, em que 71% dos alunos que têm aulas sobre Educação Financeira ajudam os pais a fazerem compras conscientes, deverão ser como o caso de sucesso da Escola Municipal de Joinville Eladir Skibinski, demonstrando a natureza transversal do tema, ao impactar os parentes em linha direta e multiplicando os resultados.

## REFERÊNCIAS

ACIOLY, L. (org.) *et al.* **Crise financeira global**: mudanças estruturais e impactos sobre os emergentes e o Brasil. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, 2011.

ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA DO BRASIL. **AEF-Brasil**. Disponível em: <<http://www.aefbrasil.org.br/>> Acesso em: 01 out. 2017

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. São Paulo: Zahar, 2008.

BRASIL. Decreto Nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010. Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF. Brasília, DF, 23dez. 2010.

CASSIDY, J. **Como os mercados quebram**: a lógica das catástrofes econômicas. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

CHANG, H. J. **Economia**: modo de usar. São Paulo: Portfolio-Penguin, 2015.

COVEY, S. M. R.; MERRIL, R. **O poder da confiança**: o elemento que faz toda a diferença. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2008.

DAMATO, C. L. *et al.* **Curso básico de finanças**: entendendo finanças de maneira prática e objetiva. São Paulo: Atlas, 2012.

DOMINGOS, R. **Terapia Financeira**: A Educação Financeira como método para realizar seus sonhos. São Paulo: Editora Gente, 2008.

ESTRATÉGIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA. **No mundo**. Disponível em: <<http://www.vidaedinheiro.gov.br/educacao-financeira-no-mundo>>. Acesso em: 03 ago. 2017

FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUEDES FILHO, E. M.; ROSSI, C. **Inflação nas décadas de 80 e 90 e os planos de estabilização**: Parte I – o contexto econômico e as características dos planos de estabilização. São Paulo: Tendências consultoria integrada, 2007.

GLOBAL FINANCIAL LITERACY EXCELLENCE CENTER. **S&P Global finlit survey**. Disponível em: <<http://gflec.org/initiatives/sp-global-finlit-survey/>> Acesso em: 20 dez. 2017.

HOJI, M. **Administração Financeira na Prática**. São Paulo: Atlas, 2004.

Inadimplência atinge 63 milhões de consumidores em março e bate recorde histórico. **Serasa Experian**, São Paulo, 25 de abr. de 2019. Disponível em: <<https://www.serasaexperian.com.br/sala-de-imprensa/inadimplencia-atinge-63-milhoes-de-consumidores-em-marco-e-bate-recorde-historico-revela-serasa-experian>>. Acesso em: 15 de nov. de 2019.

Níveis de alfabetização financeira. **S&P Global FinLitSurvey**, São Paulo, 25 de abr. de 2017. Disponível em: <<https://gflec.org/initiatives/sp-global-finlit-survey/>>. Acesso em: 15 de nov. de 2019.

ITAMARATY. **Ministério das Relações Exteriores**. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/component/tags/tag/ocde-organizacao-para-a-cooperacao-e-o-desenvolvimento-economico>> Acesso em: 10 out. 2017.

KIYOSAKI, Robert. **O poder da Educação Financeira**. 1ª ed. São Paulo: Alta Books, 2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35987-educacao-financeira>>. Acesso em: 11 set. 2017.

OLIVEIRA, **Teoria Geral da Administração - Uma Abordagem Prática**. 3ª Ed. Saraiva. São Paulo: Atlas, 2012.

PEREIRA, G. M. G. **A energia do dinheiro**: como fazer dinheiro e desfrutar dele. 2ª edição. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

PEREIRA, J.M. **Economia Brasileira**. São Paulo: Editora Atlas, 2003. 160 p. ISBN

8522433755.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REIMERS, Fernando. **Entrevista com Fernando Reimers**. Internet, jul. 2011. Entrevista concedida a Mariana Sgarioni. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/969/entrevista-com-fernando-reimers>>. Acesso em out. 2018

RODRIGUES, R. A. **A Administração Financeira e os Principais Problemas Relacionados com a Crise Financeira Mundial**. Rio de Janeiro –2009.

RHEINHEIMER, C.; OLIVEIRA, A. A. **Administração Financeira**. Maringá/PR: CESUMAR, 2012.

SABÓIA, J.; CARVALHO, F. J. C. **Celso Furtado e o Século XXI**. São Paulo: Minha Editora/Editora Monole, 2007.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas**. São Paulo: Abril Cultural, 1776.

SIMIELLI, M. E. R. **Geoatlas**: Edição ampliada e atualizada. 34ª ed. São Paulo: Ática, 2012.

ZENTRAF, R.; GIAMBIAGI, F. **O Futuro É Hoje**: Educação Financeira para Economistas. 1ª ed. São Paulo: Campus, 2010.

## APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

### Educação Financeira e as gerações no Brasil

Este questionário é confidencial, não é necessário se identificar. Demora apenas 2 minutos! Suas informações estão seguradas pela *Google*. Esses dados serão utilizados como fonte para o artigo homônimo, trabalho de conclusão de curso na Graduação em Administração de Empresas daUFC. **\*Obrigatório**

**1 - Qual sua idade?** \* *Marcar apenas um oval.*

- a) Até 20 anos.
- b) Entre 21 e 30 anos.
- c) Entre 31 e 40 anos.
- d) Entre 41 e 50 anos.
- e) 51 anos ou mais.

**2 - Qual seu grau de instrução? (Concluído)** \* *Marcar apenas um oval.*

- a) Nível Médio (antigo Ginásio).
- b) Ensino Superior.
- c) Pós-graduação (Especialização/MBA).
- d) Mestrado.
- e) Doutorado/Pós-Doc (P-hD).

Outro:

**3 - Qual seu gênero?** \* *Marcar apenas um oval.*

Masculino

Feminino

**4 - Possui filhos(as)?** \* *Marcar apenas um oval.*

- 0 - Não.
- 1 - Sim, um filho(a).
- 2 - Sim, dois filhos(as).
- 3 - Sim, três filhos(as).
- >=4 - Sim, quatro ou mais filhos(as).

**5 - Dependência financeira:** \* *Marque todas que se aplicam.*

Não sou independente financeiro;

Não possuo dependentes financeiros;

Possuo dependentes financeiros, meus pais/avós.

Possuo dependentes financeiros, filhos(as)/enteados(as) menores de idade;

Possuo dependentes financeiros, filhos/enteados(as) maiores de idade;

Possuo dependentes financeiros, meu/minha cônjuge;

Possuo outros dependentes financeiros;

**6 - Aprendi sobre Educação Financeira:** \* *Marcar apenas um oval.*

Na escola;

Na faculdade;

Num curso específico;

Com amigos;

Com parentes;

Sozinho(a);

Não aprendi sobre o tema;

Não me interessa sobre o tema;

Outros.

**7 - O que é Educação Financeira para você?** \* *Marcar apenas um oval.*

a) É o mesmo que poupança. Saber guardar dinheiro é o caminho!

b) É o mesmo que controlar gastos. Ter os gastos na ponta do lápis é sábio!

c) É o mesmo que investir. Afinal "dinheiro na mão é vendaval"!

d) É planejar o futuro. Ninguém sabe o amanhã!

e) Outro.

**8 - Marque as afirmações verdadeiras para você:** \* *Marque todas que se aplicam.*

Converso sobre produtos e serviços bancários tentando educar meus pais.

Converso sobre produtos e serviços bancários tentando educar meus filhos.

Converso sobre produtos e serviços bancários tentando educar amigos.

Não converso sobre produtos e serviços bancários.

Não me interessa sobre o tema.